



José Soares

Transparência

Palavra emprestada, palavra violada

A extrema esquerda voltou a trair o Partido Socialista, rejeitando – sem quase sequer ler – o Orçamento para 2022. Com esta atitude “de enorme interesse nacional” tanto os comunistas como o seu odiado sócio bloquista, derrubaram o PS que votando sozinho perdeu a aprovação do orçamento, o que despoletou eleições antecipadas para 30 de janeiro de 2022.

Se na primeira união de fato, o PS havia assinado papelada com aqueles parceiros trapaças, o mesmo não aconteceu na segunda. Aqui o presidente Marcelo terá tido o seu erro de cálculo, ou terá igualmente sido enganado. Se eles haviam cumprido no primeiro governo geringonça com papéis assinados, porque não cumpriram no segundo governo sem papéis? Mas não cumpriram.

Esta conspiração arranjada para fazer o povo passar por outra eleição, mais uns milhões de despesas e toda a trapalhada que vem junta, não acontecerá sem um julgamento severo da parte do povo. Mesmo que todos agora tentem lavar as mãos, cuspidos culpas prós lados.

E de quem é a culpa? Como sempre, ela morre solteira.

Ao rejeitar acordos com o PSD, o partido socialista rejeitou oportunidades de provocar alternativas conjunturais só possíveis com grandes maiorias parlamentares.

Todos os partidos políticos em Portugal alegam trabalhar em função dos interesses do país. Acontece que nos circos deste e doutro mundo, os

melhores humoristas não seriam capazes de mentir melhor.

O exclusivo interesse que move a partidocracia portuguesa, chama-se PODER. Para atingir este objetivo, tudo é permitido. Desde mentir, passando por manipular a opinião pública e terminando nas juras ao serviço do país.

Agrava-se o problema com os milhões e mais milhões que aí vem de Bruxelas. Além de ser uma ocasião imperdível para o país, há uma enorme luta pouco escrupulosa para estarem por cima, no poder, a fim de controlar essa imensidão monetária, verdadeiro tsunami financeiro que fará afogar muitos no reboço das ondas endinheiradas. Prevejo muita corrupção, desvios de fundos e toda aquela habitual lista de “bons costumes” neste campo.

Até dentro dos próprios partidos, a luta é de gladiadores. Paulo Rangel e Nuno Melo contra Rui Rio e Francisco Chicão, todos a quererem o mesmo: O Poder. Se contasse o verdadeiro interesse nacional, Rangel e Nuno estariam sossegados, não favorecendo o PS neste momento. Esperariam pelos resultados eleitorais para avançarem, não criando este desassossego.

Neste momento e mais uma vez, Portugal irá perder uma oportunidade única de desenvolvimento a vários níveis, com toda esta nulidade de individualidades que demonstram não ter qualquer interesse na causa nacional.

Falta a coragem de um Líder, de um verdadeiro Chefe. Com a integridade, ética e transparência que todo o contexto exige.



Chryst Chrystello*

Democracias Armadilhadas

Enquanto o país mergulha em nova, desnecessária e egoísta crise, com os partidos a tomarem conta dos seus interesses na porfia de manterem o poder, esquecendo a res publica, lembrei-me deste texto de há quatro anos.

Cresci na ditadura. Havia quem lhe chamasse branda, como alegadamente brandos eram os costumes do povo que a suportava. Cresci acreditando que um dia o país faria parte da Europa e do mundo, apesar de estar tão longe, que podia pertencer a outra galáxia.

Lembro-me de ir a Tui comprar discos dos Beatles ou beber Coca-Cola que eram proibidas, com medo dos miasmas contagiosos de civilizações estrangeiras. Depois, veio o dia de todas as esperanças, 25 de abril. Em Timor (des)esperei, tardava (teria ido de barco?) e jamais arribou. Sempre afirmei, e não serve grande coisa, que me trouxe o mais precioso: a liberdade de expressão. O sonho da Europa unida medrou e cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente obesa na palhaçada que hoje é.

Uma após outra, ditaduras aniquiladas e substituídas por modelos de democracia onde alegadamente o povo era representado em parlamentos. Com a queda do Muro de Berlim e a glasnost a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, até na América Latina e América do Sul. Já o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado sementes com a Thatcher e Reagan, mas não sabíamos como ia perverter o ocidente. A democracia é uma planta muito frágil que precisa de ser adubada e regada diariamente. Nos últimos 20 anos assistimos a um retrocesso nos direitos fundamentais: igualdade, solidariedade e justiça. As democracias manipuladas criam a aparência de vontade popular através do voto universal, substituídas por autocracias dos EUA à Venezuela, sem falar daqueles onde as escolhas democráticas foram substituídas por nomeações da anónima banca, do petróleo às farmacêuticas. Isto num mundo em que a verdade é ficção e a ficção é a neoverdade. A única verdade indiscutível no jornal é a data.

A liberdade é a base da vida. Hobbes disse “a liberdade desregulada inevitavelmente conduz à pior tirania.” Li em Umberto Eco, “O Cemitério de Praga”, que isto sempre aconteceu sem darmos conta. Países habituados a ser xerifes, como os EUA (depois dos decadentes impérios que duas guerras aniquilaram) inventam invasões, primaveras políticas, depondo ditadores ou democratas a seu bel-prazer.

Sou um individualista nato, incapaz de viver em autocracia. Assisto, impotente,

a financiamentos ilegais de campanhas eleitorais, promoção de testas de ferro, dirigentes corruptos, papagaios dos poderes económicos e capitalismo desenfreado (vendido ao mercado, dinheiro e interesses que à sua sombra se expandem e são mortalmente lesivos dos princípios democráticos). As estruturas partidárias na obsessão pelo poder, alimentam ligações e oligarquias de negociatas, reprimem o contraditório sem o debate interno (essência da democracia política). O exemplo da semidemocracia, autonómica, é visível nos Açores onde existe um parlamento regional e teórica liberdade de escolha, mas as decisões relevantes são definidas em Lisboa, ao atropelo e revelia das normas autonómicas, com cumplicidade local. O povo, que até nem é totalmente ignorante, vota com os pés (abstém-se) ou vota nos que o mantêm subsidiodependente, num ciclo vicioso: vota em mim e recebes apoios, não votas e desenrascas-te sozinho contra a burocracia que te vai aniquilar.

As vozes independentes, além de poucas, são silenciadas nos meios de comunicação. Estamos na autocracia, com a manta diáfana da aparência democrática. Infelizmente, o pior está para chegar. O nacionalismo e a xenofobia sempre chegaram ao poder com o voto do povo.

Dantes, os países democráticos tinham eleições, os outros não (nem as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam). Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semidemocracia onde existe a aparência democrática, com eleições e tudo o mais, mas onde a realidade não está representada, com resultados viciados, roubo descarado de votos e manipulação. A via autocrática travestida de democracia oca. O que temos assistido nas últimas décadas é um ataque desenfreado à democracia. São as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos. Mesmo eu, otimista nato, tenho dúvidas, rodeado por autómatos não-pensantes, obcecados com os ecrãs dos smartphones e impérvios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça.

Quando essa liberdade se perder, só terei de me conformar e aceitar que me implantem um “chip” para o meu próprio bem, como nem George Orwell (1984 e o “Triunfo dos Porcos) nem Aldous Huxley (Admirável Mundo Novo) conseguiram imaginar.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)